

CARTAS FONÉTICAS DA REGIONAL DO BAIXO ACRE

Sarajane da Silva Costa (UFAC)

sara-131@hotmail.com

Antonieta Buriti de Souza Hosokawa (UFAC)

antonietauriti@ig.com.br

(1) Introdução

Neste trabalho, nosso objetivo é apresentar a carta fonética relativa ao Município de Rio Branco, parte integrante do Projeto Atlas Linguístico do Acre (ALiAC). Cabe lembrar que carta fonética ou linguística é “um mapa no qual se registram em sua integridade fônica e morfológica as expressões concretamente comprovadas em cada ponto de inquérito” (COSERIU *apud* BRANDÃO, 1991). Os atlas linguísticos regionais auxiliam para a identificação, registro, descrição e catalogação da realidade linguística das comunidades antes que as marcas diatópicas, diastráticas, diageracionais, diassexuais e diafásicas se percam ou sejam completamente assimiladas pelos meios de comunicação de massa ou até mesmo, pelos frequentes contatos com outras regiões do país. Este estudo que faz parte do Projeto Atlas Linguístico do Acre (ALiAC), está, a exemplo de todos os atlas linguísticos, inserido nas perspectivas da dialetologia e da geolinguística.

Foi elaborada a carta fonética do referido município para identificar possíveis diferenças, que podem ser de cunho regional, social, cultural entre outros fatores, e situá-las no âmbito da descrição da língua falada no Brasil. Nisso reside sua importância, ou seja, no fato de documentar uma variante que, com o decorrer do tempo, poderá sofrer alterações significativas. Dessa forma, apresentaremos as etapas realizadas durante a pesquisa e o resultado das variações no dialeto acreano concernente ao município de Rio Branco.

O artigo está delineado da seguinte forma: Para iniciar, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam a pesquisa, abrangendo conceitos de atlas linguístico, cartas fonéticas, dialetologia e geolinguística; em segundo lugar, descrevemos brevemente, do ponto de vista histórico-geográfico, o município selecionado para ponto de inquérito; em terceiro lugar, os procedimentos metodológicos que são imediatamente seguidos da descrição dos resultados obtidos. Logo a seguir vêm as conclusões.

(2) Pressupostos teórico-metodológicos

Geralmente pessoas que não são da área da letras fazem indagações a respeito do que vem a ser um atlas linguístico. É importante lembrar que se trata do resultado de uma extensa metodologia de estudos acerca dos dados linguísticos das diversas falas que enlaçam o perfil de uma língua; segundo Brandão (1991), "um atlas linguístico é o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico". Os primeiros a desenvolver trabalhos com atlas linguísticos foram os europeus, dentre esses estão: o *Atlas Linguistique de la France* (1902-1912), *Linguistischer Atlas des Dakorumänischen Sprachgebietes* (1912), *Atlas Linguistique de la Corse* (1923-1939), *Deutscher Sprachatlas* (1926), *Sprach und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (1928-1940) e o *Atlas Linguístico da Península Ibérica*, iniciado em 1925.

No Brasil, o precursor do trabalho para a elaboração de atlas linguísticos foi Nelson Rossi; suas pesquisas tiveram início no ano de 1952, mas o denominado *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* foi publicado somente em 1963. Após essa publicação, até os dias atuais, vários foram os trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva da geolinguística, incluindo os modernos atlas sonoros, como o do Pará. Dentre alguns atlas nacionais, já publicados, podemos citar três dos mais recentes: *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISPA, 2004). O ALISPA foi o primeiro atlas sonoro do país; *Atlas Linguístico do Amazonas* (2004); *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS, 2007).

Se o atlas linguístico é o conjunto de mapas, uma carta fonética é um desses mapas. Uma carta fonética vai abranger as realizações de um determinado som da língua em uma região delimitada. Ela funciona como uma fotografia da realidade linguística da região.

No que diz respeito à geolinguística, Coseriu afirma que esta

designa o método dialeológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) do território, o que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (*apud* BRANDÃO, 1991).

Para Dubois (1978, p. 307), a geolinguística "é o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes".

Para finalizar, podemos dizer que enquanto a geolinguística apresenta no atlas linguístico o levantamento das características dialetais retirados dos diversos tipos de mapas ou cartas linguísticas, a dialetologia apresenta, por sua vez, o glossário e a análise aprofundada das variantes da língua, tais como a fonética, e desta forma essas ciências se completam.

(3) Procedimentos metodológicos

O *corpus* da pesquisa foi composto a partir da coleta da fala com 12 informantes residentes no município de Rio Branco. A escolha da localidade para as entrevistas foi feita de acordo com aspectos demográficos, históricos e sociais, pois, nas palavras de Bisol: “Padrões sociais e linguísticos interagem de tal forma que a correlação entre eles pode apontar a significação linguística de uma variável” (1981, p. 27). Como já foi mencionada, a pesquisa se desenvolveu com 12 informantes, sendo 2 informantes (um homem e uma mulher) da faixa etária A (18-35 anos) e 2 informantes (um homem e uma mulher) da faixa etária B (35-60 anos), com grau de instrução até a quarta série do ensino fundamental, estendendo-se a oito, com nível superior completo e incompleto. Assim, foram entrevistados 2 homens e 2 mulheres na faixa etária A (de 18 a 35 anos), possuindo o ensino superior completo. Na faixa etária B (de 35 a 60 anos) foram entrevistados 2 homens e 2 mulheres, estes possuindo terceiro grau incompleto. Totalizando 12 informantes, sendo estes naturais da localidade em questão, além disso, esses não poderiam ter se afastado dessa localidade por longos períodos.

A gravação dos dados foi feita *in loco* e diretamente a cada um dos informantes por meio da aplicação dos questionários do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), cada entrevista teve duração mínima de duas horas, pois o questionário fonético-fonológico é composto por 157 questões.

No trabalho de campo, utilizamos um gravador digital *Panasonic*, cedido pelo Prof. Dr. Vicente Cerqueira³⁹ e um microfone portátil acoplado ao *notebook* para o registro sonoro das informações, que foram, em seguida, estocados em *CD ROM*, obedecendo a um rigoroso processo de identificação e catalogação de forma a garantir o acesso imediato e segu-

³⁹ Pela concessão do gravador digital, que foi de inestimável valia para a pesquisa.

ro para análise e consultas. As gravações foram transcritas grafemática e foneticamente.

Foram gravadas as respostas dos entrevistados dos três questionários; posteriormente, os dados referentes ao questionário fonético-fonológico foram digitados. A transcrição⁴⁰ fonética desses dados também já foi realizada. Procurou-se observar através das respostas dos informantes os fenômenos que dizem respeito à harmonização vocálica da vogal [e] para [i] e de [o] para [u], nas palavras em que era possível ocorrer o fenômeno da harmonização, como em “ferida” para [fɨ'ridə], “gordura” para [guh'durə], “mentira” para [mɨ'tʃirə], “desmaio” para “[dʃiz'maju]”, “bonito” para [bu'nitʊ], “desvio” para [dʃiz'vjʊ], “dormindo” para [duh'mĩdʊ], “assovio” para [asu'viʊ], “seguro” para [si'guru].

(4) Alguns dados da localidade selecionada Rio Branco (capital)



⁴⁰ As transcrições foram feitas sob orientação do MS. Shelton Lima de Souza, que dedicou parte do seu tempo prestando informações fundamentais, bem como, efetivamente, contribuindo para o andamento da nossa pesquisa.

Rio Branco, capital do Acre, é a maior e mais populosa cidade acreana, concentrando mais da metade da população total do estado. Além disso, foi uma das primeiras cidades a surgir nas margens do rio Acre. Há informações que, em fins de 1882, numa pronunciada volta do rio Acre, uma frondosa árvore, a gameleira, chamou a atenção de exploradores que subiam o rio e levou-os a abrir novos seringais ali mesmo. O povoado chamado “Volta da Empresa” logo se revelou mais movimentado do que um simples seringal pela abertura de pontos comerciais para o abastecimento das embarcações a vapor que subiam o rio no transporte do ouro negro (a borracha).

Anos depois, a mesma gameleira seria testemunha dos combates travados na Volta da Empresa entre revolucionários acreanos e tropas bolivianas durante o crítico período da Revolução Acreana que tornou o Acre parte do Brasil no início deste século.

Com o Tratado de Petrópolis e a criação do Território Federal do Acre, a agora chamada “Villa Rio Branco”, afirmou-se como o principal centro urbano de todo o vale do Acre, o mais rico e produtivo do território. Tanto assim, que a partir de 1920, a cidade de Rio Branco assumiu a condição de capital do território e depois do estado. Durante todos esses acontecimentos, a rua surgida da gameleira, na margem direita do rio Acre, era o centro da vida comercial e urbana dessa parte da Amazônia. Ali se situavam os bares, cafés e cassinos que movimentavam a vida noturna da cidade, ali se encontravam os principais representantes comerciais das casas aviadoras nacionais e estrangeiras que movimentavam milhares de contos de réis naquela época de riqueza e fausto, ali moravam as principais famílias da elite urbana composta por profissionais liberais e pelo funcionalismo público. Com o passar do tempo a administração política do território foi sendo transferida para a margem esquerda do rio Acre, com terras mais altas e não inundáveis. Ainda assim as ruas que integravam o centro da cidade formada pelas ruas Cunha Matos, 17 de novembro e 24 de janeiro permaneciam sendo a principal área comercial da cidade, paulatinamente dominada pelos imigrantes sírio-libaneses, a ponto de, em meados da década de 30, ser também conhecida como “Bairro Beirute”.

Porém, a partir da década de 50, teve início um pronunciado processo de decadência econômica da histórica margem direita de Rio Branco, que passou a ser chamado de 2º distrito. Isso resultou da transferência de boa parte de suas principais casas comerciais para o 1º distrito da cidade, na margem esquerda do rio Acre, onde já estavam instaladas as

principais repartições públicas e as residências das mais importantes famílias do território. De lá para cá, o ritmo de degradação urbana, social e econômica dessa área só fez aumentar e chegou ao seu ponto máximo com o desbarrancamento provocado pela grande alagação de 1997.

Para mostrarmos, de forma resumida, a história do município de Rio Branco, apresentaremos uma cronologia simplificada do período de 1882/1920. Em 1882 o vapor sobe o rio Acre e desembarcam os irmãos Leite no seringal Bagaço. Neutel Maia decide ficar algumas milhas acima e no dia 28 de dezembro funda o seringal Empresa, na volta do rio onde está situada a gameleira. Depois o mesmo vapor ainda deixa Manuel Damasceno Girão na foz do Xapuri, onde fundou o seringal Xapuri. Em 18 de setembro de 1902 ocorre o primeiro Combate da Volta da Empresa – vitória boliviana. Em 5 de outubro até 15 de outubro de 1902 há o segundo Combate da Volta da Empresa – vitória acreana. Em 4 de abril de 1903 – ocupação da Empresa por tropas brasileiras, sob o comando do general Olympio da Silveira. Em 13 de maio de 1903 o general Olympio da Silveira proclama, em Empresa, o término da Revolução Acreana. Em 18 de agosto de 1904, toma posse da Prefeitura do Departamento do Alto Acre, o Cel. Raphael Augusto da Cunha Mattos. Em 22 de agosto de 1904, são instaladas a delegacia de polícia e uma escola primária. Em 7 de setembro de 1904 – Decreto N° 7 – mudança de nome de empresa para Villa Rio Branco – provisoriamente sede do Governo da Prefeitura Departamental. Em 1908, é criada a comarca do Alto Acre – cidade Empresa – sede. Em 13 de junho de 1909 o prefeito Gabino Besouro muda a sede do Departamento de Empresa (atual 2° distrito) para Penápolis (atual 1° distrito), em 10 de agosto de 1910, instalava-se em Penápolis uma agência dos correios. Em 3 de outubro de 1912, por ato do prefeito departamental Deocleciano Coelho de Souza Penápolis e Empresa passam a se chamar Rio Branco. Em 7 de Maio de 1913 é instalada uma estação de Rádio Telegrafia, tirando os acreanos do isolamento total. Em 13 de junho de 1913, é criada uma nova organização ao território, razão pela qual é instalado oficialmente o município de Rio Branco. Em 7 de janeiro de 1914 ocorrem as primeiras eleições municipais. Em 1° de maio de 1915 é inaugurado o primeiro grupo escolar da cidade. Em 13 de maio de 1916 é inaugurado o serviço de luz elétrica. Em 1° de outubro de 1920 é extinto o departamento e unificação dos municípios em torno de um só governo, Rio Branco é escolhida a capital do território do Acre.

O município de Rio Branco recebeu seu nome definitivo em homenagem ao barão do Rio Branco. Até 1920, a cidade de Rio Branco era

sede apenas da capital de todo o território, consolidando sua liderança política e econômica sobre toda a região.

Ao longo de sua história, Rio Branco abrigou imigrantes de diversas origens: nordestinos, índios, sírio-libaneses, cariocas, portugueses, gaúchos, italianos, amazonenses, espanhóis etc. Isto contribuiu para que o município se transformasse no maior centro populacional, comercial, cultural, político e industrial do estado. A maior expressão do peso econômico da capital é a feira de negócios, a Expoacre, realizada anualmente no pavilhão de exposições do município.

Rio Branco possui um grande número de bairros devido a um intenso processo migratório ocorrido nos anos de 1970. Isto fez a cidade concentrar metade da população de todo o estado. Ocupa o quinto lugar no estado em extensão territorial. O município de Rio Branco limita-se ao norte com os municípios de Bujari e Porto Acre; ao sul com os municípios de Xapuri e Capixaba; a leste, com o município de Senador Guionard e a oeste, com o município de Sena Madureira.

A porção territorial que hoje corresponde ao município de Rio Branco, inicialmente sede do departamento do Alto Acre, foi formada como entreposto comercial avançado da economia mercantil da borracha, e reconhecida desde as primeiras expedições realizadas pelo sertanista Manoel Urbano da Encarnação. Em 28/12/1882, foi explorada por Neutel Maia, que se instalou no mais importante aglomerado da localidade, o seringal Empresa, situado a margem direita do Rio Acre, onde havia grande concentração de seringais e onde era extraído o melhor látex e produzida a maior quantidade de borracha do Alto Purus. Com coordenadas geográficas de 9°58'29'' (s) e 67°48'36'' (W.Gr) e uma altitude de 152,5 m, Rio Branco situa-se em ambas as margens do Rio Acre, sua topografia à direita (na região hoje denominada por 2° distrito) é formada por imensa planície de aluvião, enquanto que o solo a margem esquerda, caracteriza-se por sucessão de aclives suaves.

(5) Resultados

As cartas fonéticas do município de Rio Branco mostram algumas ocorrências de harmonização vocálica do [e] para [i] e do [o] para [u] no falar de informantes com grau superior completo e incompleto e de informantes com grau de instrução até a quarta série do ensino fundamental. Observou-se que o falante de superior completo e incompleto não ob-

teve uma alteração considerável de ocorrência da harmonização vocálica, porém, os informantes com o grau de instrução até a quarta série do ensino fundamental obteve estimáveis alterações. As referidas cartas realizadas no município de Rio Branco são complementadas por legendas que fornecem os índices percentuais relativos à harmonização vocálica do /e/ para /i/ e de /o/ para /u/. Os índices relativos aos fenômenos da harmonização no dialeto na localidade em questão são apresentados dentro dos mapas. Assim, o símbolo inserido nas cartas indicou a ocorrência de harmonização vocálica nas pronúncias dos falantes da localidade pesquisada. As seguintes cartas fonéticas fornecem alguns exemplos de harmonização vocálica na região sob o nível de escolarização dos informantes. De forma geral, a leitura das cartas apresenta-se de maneira simples e de fácil compreensão.

1. Mapa 01- nível de escolarização até a quarta série do ensino fundamental
2. Mapa 02-Superior Incompleto
3. Mapa 03-Superior Completo



Atlas Linguístico do Acre –ALiAC
Carta Fonética de Rio Branco-AC

QFF/N°
Seguro/74
Desmaio/126
Assobio/149
Dormindo/148

Mapa 02



Atlas Linguístico do Acre –ALiAC
Carta Fonética de Rio Branco-AC

QFF/N°
Seguro/74
Mentira/106
Ferida/123
Desmaio/126
Assobio/149
Dormindo/148

Mapa 03



(6) *Considerações finais*

Neste artigo, procuramos apresentar o caminho percorrido durante nossa pesquisa, bem como todos os seus obstáculos, para chegar às cata-

locações de alguns aspectos nos falares rio-branquenses para finalmente elaborar algumas cartas fonéticas do município de Rio Branco. Esperamos que, com esse estudo possamos contribuir para o conhecimento do falar rio-branquense e oferecer um leque de perspectivas para outras pesquisas. A realização completa da pesquisa para o ALiAC será, sem dúvida alguma, um marco na história dos estudos dialetais e geolinguísticos do Acre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE. Disponível em: <<http://www.vtplacido@trt14.gov.br>>. Acesso em: 10-03-2010.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba, 1996.

BRANDÃO, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; ROSSI, N. Salvador: UFBA/FUNDESC, 1987.

CRISTIANINI, A. C. *Atlas semântico-lexical da região do grande ABC*. São Paulo, 2007.

_____; ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. De Antenor Nacentes ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB: conquistas da geolinguística no Brasil. *Revista Letra Magna*, ano 3, n. 52º semestre de 2006. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/geolinguistica.pdf>>. Acesso em: 15-03-2009.

CRUZ, M. L. C. ALAM. *Atlas linguístico do Amazonas*. Vol. I e II. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 2004.

DERCIR, P. *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul*. 1. ed. Campo Grande: UFMS, 2007.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacira, FREITAD, Judite; ANDRADE, Nadja. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

RASKY, A. (Org.). *ALISPA. Atlas linguístico sonoro do Pará*. Belém: s/ed., 2004.

RIO Branco. Disponível em:

<http://www.suapesquisa.com/cidadesbrasileiras/cidade_rio_branco.htm

>. Acesso em: 25 mar. 2010.

TOCANTINS, L. *Formação histórica do Acre*. Rio de Janeiro: Conquista 1963. Vols. I, II e III.

CARTAS FONÉTICAS DA REGIONAL DO BAIXO ACRE

Sarajane da Silva Costa (UFAC)

sara-131@hotmail.com

Antonieta Buriti de Souza Hosokawa (UFAC)

antonietauriti@ig.com.br

(1) Introdução

Neste trabalho, nosso objetivo é apresentar a carta fonética relativa ao Município de Rio Branco, parte integrante do Projeto Atlas Linguístico do Acre (ALiAC). Cabe lembrar que carta fonética ou linguística é “um mapa no qual se registram em sua integridade fônica e morfológica as expressões concretamente comprovadas em cada ponto de inquérito” (COSERIU *apud* BRANDÃO, 1991). Os atlas linguísticos regionais auxiliam para a identificação, registro, descrição e catalogação da realidade linguística das comunidades antes que as marcas diatópicas, diastráticas, diageracionais, diassexuais e diafásicas se percam ou sejam completamente assimiladas pelos meios de comunicação de massa ou até mesmo, pelos frequentes contatos com outras regiões do país. Este estudo que faz parte do Projeto Atlas Linguístico do Acre (ALiAC), está, a exemplo de todos os atlas linguísticos, inserido nas perspectivas da dialetologia e da geolinguística.

Foi elaborada a carta fonética do referido município para identificar possíveis diferenças, que podem ser de cunho regional, social, cultural entre outros fatores, e situá-las no âmbito da descrição da língua falada no Brasil. Nisso reside sua importância, ou seja, no fato de documentar uma variante que, com o decorrer do tempo, poderá sofrer alterações significativas. Dessa forma, apresentaremos as etapas realizadas durante a pesquisa e o resultado das variações no dialeto acreano concernente ao município de Rio Branco.

O artigo está delineado da seguinte forma: Para iniciar, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam a pesquisa, abrangendo conceitos de atlas linguístico, cartas fonéticas, dialetologia e geolinguística; em segundo lugar, descrevemos brevemente, do ponto de vista histórico-geográfico, o município selecionado para ponto de inquérito; em terceiro lugar, os procedimentos metodológicos que são imediatamente seguidos da descrição dos resultados obtidos. Logo a seguir vêm as conclusões.

(2) Pressupostos teórico-metodológicos

Geralmente pessoas que não são da área da letras fazem indagações a respeito do que vem a ser um atlas linguístico. É importante lembrar que se trata do resultado de uma extensa metodologia de estudos acerca dos dados linguísticos das diversas falas que enlaçam o perfil de uma língua; segundo Brandão (1991), "um atlas linguístico é o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico". Os primeiros a desenvolver trabalhos com atlas linguísticos foram os europeus, dentre esses estão: o *Atlas Linguistique de la France* (1902-1912), *Linguistischer Atlas des Dakorumänischen Sprachgebietes* (1912), *Atlas Linguistique de la Corse* (1923-1939), *Deutscher Sprachatlas* (1926), *Sprach und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (1928-1940) e o *Atlas Linguístico da Península Ibérica*, iniciado em 1925.

No Brasil, o precursor do trabalho para a elaboração de atlas linguísticos foi Nelson Rossi; suas pesquisas tiveram início no ano de 1952, mas o denominado *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* foi publicado somente em 1963. Após essa publicação, até os dias atuais, vários foram os trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva da geolinguística, incluindo os modernos atlas sonoros, como o do Pará. Dentre alguns atlas nacionais, já publicados, podemos citar três dos mais recentes: *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISPA, 2004). O ALISPA foi o primeiro atlas sonoro do país; *Atlas Linguístico do Amazonas* (2004); *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS, 2007).

Se o atlas linguístico é o conjunto de mapas, uma carta fonética é um desses mapas. Uma carta fonética vai abranger as realizações de um determinado som da língua em uma região delimitada. Ela funciona como uma fotografia da realidade linguística da região.

No que diz respeito à geolinguística, Coseriu afirma que esta

designa o método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) do território, o que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (*apud* BRANDÃO, 1991).

Para Dubois (1978, p. 307), a geolinguística "é o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes".

Para finalizar, podemos dizer que enquanto a geolinguística apresenta no atlas linguístico o levantamento das características dialetais retirados dos diversos tipos de mapas ou cartas linguísticas, a dialetologia apresenta, por sua vez, o glossário e a análise aprofundada das variantes da língua, tais como a fonética, e desta forma essas ciências se completam.

(3) Procedimentos metodológicos

O *corpus* da pesquisa foi composto a partir da coleta da fala com 12 informantes residentes no município de Rio Branco. A escolha da localidade para as entrevistas foi feita de acordo com aspectos demográficos, históricos e sociais, pois, nas palavras de Bisol: “Padrões sociais e linguísticos interagem de tal forma que a correlação entre eles pode apontar a significação linguística de uma variável” (1981, p. 27). Como já foi mencionada, a pesquisa se desenvolveu com 12 informantes, sendo 2 informantes (um homem e uma mulher) da faixa etária A (18-35 anos) e 2 informantes (um homem e uma mulher) da faixa etária B (35-60 anos), com grau de instrução até a quarta série do ensino fundamental, estendendo-se a oito, com nível superior completo e incompleto. Assim, foram entrevistados 2 homens e 2 mulheres na faixa etária A (de 18 a 35 anos), possuindo o ensino superior completo. Na faixa etária B (de 35 a 60 anos) foram entrevistados 2 homens e 2 mulheres, estes possuindo terceiro grau incompleto. Totalizando 12 informantes, sendo estes naturais da localidade em questão, além disso, esses não poderiam ter se afastado dessa localidade por longos períodos.

A gravação dos dados foi feita *in loco* e diretamente a cada um dos informantes por meio da aplicação dos questionários do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), cada entrevista teve duração mínima de duas horas, pois o questionário fonético-fonológico é composto por 157 questões.

No trabalho de campo, utilizamos um gravador digital *Panasonic*, cedido pelo Prof. Dr. Vicente Cerqueira³⁹ e um microfone portátil acoplado ao *notebook* para o registro sonoro das informações, que foram, em seguida, estocados em *CD ROM*, obedecendo a um rigoroso processo de identificação e catalogação de forma a garantir o acesso imediato e segu-

³⁹ Pela concessão do gravador digital, que foi de inestimável valia para a pesquisa.

ro para análise e consultas. As gravações foram transcritas grafemática e foneticamente.

Foram gravadas as respostas dos entrevistados dos três questionários; posteriormente, os dados referentes ao questionário fonético-fonológico foram digitados. A transcrição⁴⁰ fonética desses dados também já foi realizada. Procurou-se observar através das respostas dos informantes os fenômenos que dizem respeito à harmonização vocálica da vogal [e] para [i] e de [o] para [u], nas palavras em que era possível ocorrer o fenômeno da harmonização, como em “ferida” para [fɨ'ridə], “gordura” para [guh'durə], “mentira” para [mɨ'tʃirə], “desmaio” para “[dʃiz'maju]”, “bonito” para [bu'nitʊ], “desvio” para [dʃiz'vjʊ], “dormindo” para [duh'mĩdʊ], “assovio” para [asu'viʊ], “seguro” para [si'guru].

(4) Alguns dados da localidade selecionada Rio Branco (capital)



⁴⁰ As transcrições foram feitas sob orientação do MS. Shelton Lima de Souza, que dedicou parte do seu tempo prestando informações fundamentais, bem como, efetivamente, contribuindo para o andamento da nossa pesquisa.

Rio Branco, capital do Acre, é a maior e mais populosa cidade acreana, concentrando mais da metade da população total do estado. Além disso, foi uma das primeiras cidades a surgir nas margens do rio Acre. Há informações que, em fins de 1882, numa pronunciada volta do rio Acre, uma frondosa árvore, a gameleira, chamou a atenção de exploradores que subiam o rio e levou-os a abrir novos seringais ali mesmo. O povoado chamado “Volta da Empresa” logo se revelou mais movimentado do que um simples seringal pela abertura de pontos comerciais para o abastecimento das embarcações a vapor que subiam o rio no transporte do ouro negro (a borracha).

Anos depois, a mesma gameleira seria testemunha dos combates travados na Volta da Empresa entre revolucionários acreanos e tropas bolivianas durante o crítico período da Revolução Acreana que tornou o Acre parte do Brasil no início deste século.

Com o Tratado de Petrópolis e a criação do Território Federal do Acre, a agora chamada “Villa Rio Branco”, afirmou-se como o principal centro urbano de todo o vale do Acre, o mais rico e produtivo do território. Tanto assim, que a partir de 1920, a cidade de Rio Branco assumiu a condição de capital do território e depois do estado. Durante todos esses acontecimentos, a rua surgida da gameleira, na margem direita do rio Acre, era o centro da vida comercial e urbana dessa parte da Amazônia. Ali se situavam os bares, cafés e cassinos que movimentavam a vida noturna da cidade, ali se encontravam os principais representantes comerciais das casas aviadoras nacionais e estrangeiras que movimentavam milhares de contos de réis naquela época de riqueza e fausto, ali moravam as principais famílias da elite urbana composta por profissionais liberais e pelo funcionalismo público. Com o passar do tempo a administração política do território foi sendo transferida para a margem esquerda do rio Acre, com terras mais altas e não inundáveis. Ainda assim as ruas que integravam o centro da cidade formada pelas ruas Cunha Matos, 17 de novembro e 24 de janeiro permaneciam sendo a principal área comercial da cidade, paulatinamente dominada pelos imigrantes sírio-libaneses, a ponto de, em meados da década de 30, ser também conhecida como “Bairro Beirute”.

Porém, a partir da década de 50, teve início um pronunciado processo de decadência econômica da histórica margem direita de Rio Branco, que passou a ser chamado de 2º distrito. Isso resultou da transferência de boa parte de suas principais casas comerciais para o 1º distrito da cidade, na margem esquerda do rio Acre, onde já estavam instaladas as

principais repartições públicas e as residências das mais importantes famílias do território. De lá para cá, o ritmo de degradação urbana, social e econômica dessa área só fez aumentar e chegou ao seu ponto máximo com o desbarrancamento provocado pela grande alagação de 1997.

Para mostrarmos, de forma resumida, a história do município de Rio Branco, apresentaremos uma cronologia simplificada do período de 1882/1920. Em 1882 o vapor sobe o rio Acre e desembarcam os irmãos Leite no seringal Bagaço. Neutel Maia decide ficar algumas milhas acima e no dia 28 de dezembro funda o seringal Empresa, na volta do rio onde está situada a gameleira. Depois o mesmo vapor ainda deixa Manuel Damasceno Girão na foz do Xapuri, onde fundou o seringal Xapuri. Em 18 de setembro de 1902 ocorre o primeiro Combate da Volta da Empresa – vitória boliviana. Em 5 de outubro até 15 de outubro de 1902 há o segundo Combate da Volta da Empresa – vitória acreana. Em 4 de abril de 1903 – ocupação da Empresa por tropas brasileiras, sob o comando do general Olympio da Silveira. Em 13 de maio de 1903 o general Olympio da Silveira proclama, em Empresa, o término da Revolução Acreana. Em 18 de agosto de 1904, toma posse da Prefeitura do Departamento do Alto Acre, o Cel. Raphael Augusto da Cunha Mattos. Em 22 de agosto de 1904, são instaladas a delegacia de polícia e uma escola primária. Em 7 de setembro de 1904 – Decreto N° 7 – mudança de nome de empresa para Villa Rio Branco – provisoriamente sede do Governo da Prefeitura Departamental. Em 1908, é criada a comarca do Alto Acre – cidade Empresa – sede. Em 13 de junho de 1909 o prefeito Gabino Besouro muda a sede do Departamento de Empresa (atual 2° distrito) para Penápolis (atual 1° distrito), em 10 de agosto de 1910, instalava-se em Penápolis uma agência dos correios. Em 3 de outubro de 1912, por ato do prefeito departamental Deocleciano Coelho de Souza Penápolis e Empresa passam a se chamar Rio Branco. Em 7 de Maio de 1913 é instalada uma estação de Rádio Telegrafia, tirando os acreanos do isolamento total. Em 13 de junho de 1913, é criada uma nova organização ao território, razão pela qual é instalado oficialmente o município de Rio Branco. Em 7 de janeiro de 1914 ocorrem as primeiras eleições municipais. Em 1° de maio de 1915 é inaugurado o primeiro grupo escolar da cidade. Em 13 de maio de 1916 é inaugurado o serviço de luz elétrica. Em 1° de outubro de 1920 é extinto o departamento e unificação dos municípios em torno de um só governo, Rio Branco é escolhida a capital do território do Acre.

O município de Rio Branco recebeu seu nome definitivo em homenagem ao barão do Rio Branco. Até 1920, a cidade de Rio Branco era

sede apenas da capital de todo o território, consolidando sua liderança política e econômica sobre toda a região.

Ao longo de sua história, Rio Branco abrigou imigrantes de diversas origens: nordestinos, índios, sírio-libaneses, cariocas, portugueses, gaúchos, italianos, amazonenses, espanhóis etc. Isto contribuiu para que o município se transformasse no maior centro populacional, comercial, cultural, político e industrial do estado. A maior expressão do peso econômico da capital é a feira de negócios, a Expoacre, realizada anualmente no pavilhão de exposições do município.

Rio Branco possui um grande número de bairros devido a um intenso processo migratório ocorrido nos anos de 1970. Isto fez a cidade concentrar metade da população de todo o estado. Ocupa o quinto lugar no estado em extensão territorial. O município de Rio Branco limita-se ao norte com os municípios de Bujari e Porto Acre; ao sul com os municípios de Xapuri e Capixaba; a leste, com o município de Senador Guionard e a oeste, com o município de Sena Madureira.

A porção territorial que hoje corresponde ao município de Rio Branco, inicialmente sede do departamento do Alto Acre, foi formada como entreposto comercial avançado da economia mercantil da borracha, e reconhecida desde as primeiras expedições realizadas pelo sertanista Manoel Urbano da Encarnação. Em 28/12/1882, foi explorada por Neutel Maia, que se instalou no mais importante aglomerado da localidade, o seringal Empresa, situado a margem direita do Rio Acre, onde havia grande concentração de seringais e onde era extraído o melhor látex e produzida a maior quantidade de borracha do Alto Purus. Com coordenadas geográficas de 9°58'29" (s) e 67°48'36" (W.Gr) e uma altitude de 152,5 m, Rio Branco situa-se em ambas as margens do Rio Acre, sua topografia à direita (na região hoje denominada por 2° distrito) é formada por imensa planície de aluvião, enquanto que o solo a margem esquerda, caracteriza-se por sucessão de aclives suaves.

(5) Resultados

As cartas fonéticas do município de Rio Branco mostram algumas ocorrências de harmonização vocálica do [e] para [i] e do [o] para [u] no falar de informantes com grau superior completo e incompleto e de informantes com grau de instrução até a quarta série do ensino fundamental. Observou-se que o falante de superior completo e incompleto não ob-

teve uma alteração considerável de ocorrência da harmonização vocálica, porém, os informantes com o grau de instrução até a quarta série do ensino fundamental obteve estimáveis alterações. As referidas cartas realizadas no município de Rio Branco são complementadas por legendas que fornecem os índices percentuais relativos à harmonização vocálica do /e/ para /i/ e de /o/ para /u/. Os índices relativos aos fenômenos da harmonização no dialeto na localidade em questão são apresentados dentro dos mapas. Assim, o símbolo inserido nas cartas indicou a ocorrência de harmonização vocálica nas pronúncias dos falantes da localidade pesquisada. As seguintes cartas fonéticas fornecem alguns exemplos de harmonização vocálica na região sob o nível de escolarização dos informantes. De forma geral, a leitura das cartas apresenta-se de maneira simples e de fácil compreensão.

1. Mapa 01- nível de escolarização até a quarta série do ensino fundamental
2. Mapa 02-Superior Incompleto
3. Mapa 03-Superior Completo



Atlas Linguístico do Acre –ALiAC
Carta Fonética de Rio Branco-AC

QFF/N°
Seguro/74
Desmaio/126
Assobio/149
Dormindo/148

Mapa 02



Atlas Linguístico do Acre –ALiAC
Carta Fonética de Rio Branco-AC

QFF/N°
Seguro/74
Mentira/106
Ferida/123
Desmaio/126
Assobio/149
Dormindo/148

Mapa 03



(6) *Considerações finais*

Neste artigo, procuramos apresentar o caminho percorrido durante nossa pesquisa, bem como todos os seus obstáculos, para chegar às cata-

locações de alguns aspectos nos falares rio-branquenses para finalmente elaborar algumas cartas fonéticas do município de Rio Branco. Esperamos que, com esse estudo possamos contribuir para o conhecimento do falar rio-branquense e oferecer um leque de perspectivas para outras pesquisas. A realização completa da pesquisa para o ALiAC será, sem dúvida alguma, um marco na história dos estudos dialetais e geolinguísticos do Acre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE. Disponível em: <<http://www.vtplacido@trt14.gov.br>>. Acesso em: 10-03-2010.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba, 1996.

BRANDÃO, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; ROSSI, N. Salvador: UFBA/FUNDESC, 1987.

CRISTIANINI, A. C. *Atlas semântico-lexical da região do grande ABC*. São Paulo, 2007.

_____; ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. De Antenor Nacentes ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB: conquistas da geolinguística no Brasil. *Revista Letra Magna*, ano 3, n. 52º semestre de 2006. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/geolinguistica.pdf>>. Acesso em: 15-03-2009.

CRUZ, M. L. C. ALAM. *Atlas linguístico do Amazonas*. Vol. I e II. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 2004.

DERCIR, P. *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul*. 1. ed. Campo Grande: UFMS, 2007.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacira, FREITAD, Judite; ANDRADE, Nadja. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

RASKY, A. (Org.). *ALISPA. Atlas linguístico sonoro do Pará*. Belém: s/ed., 2004.

RIO Branco. Disponível em:

<http://www.suapesquisa.com/cidadesbrasileiras/cidade_rio_branco.htm

>. Acesso em: 25 mar. 2010.

TOCANTINS, L. *Formação histórica do Acre*. Rio de Janeiro: Conquista 1963. Vols. I, II e III.